

(2009) ALMEIDA FIRMINO, *NARCOSE*. OBRA POÉTICA COMPLETA (REED.).
SÃO ROQUE DO PICO, CÂMARA MUNICIPAL DE S. ROQUE.

Manuel Tomás – Escola Cardeal Costa Nunes, Rua de José Martins Garcia 9950-302 Madalena (Pico).

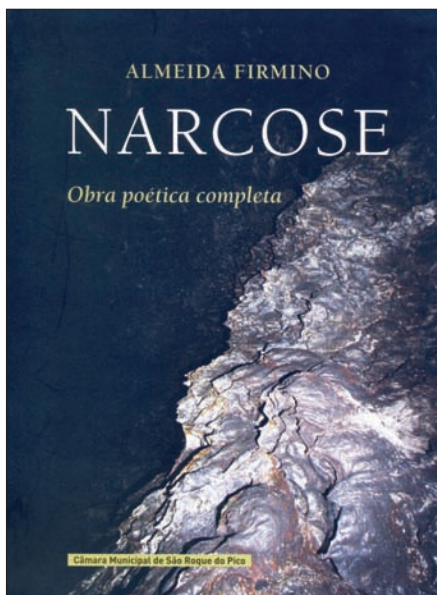
(Almeida Firmino voltou a ser publicado, desta vez pela Câmara Municipal de São Roque do Pico, com a 2.^a edição de *Narcese*, obra poética completa. Almeida Firmino deu à estampa quase toda a sua obra poética, ao longo da vida, em pequenos volumes, impressos em Angra do Heroísmo e como edição de autor. Apenas *Um Búzio no Regaço* (1977) foi publicado posteriormente, embora a edição ainda tenha sido preparada pelo autor.

Em 1982, na colecção *Gaivota*, da Secretaria Regional da Educação e Cultura, saiu a primeira edição de *Narcese*, intitulada segundo a vontade do autor e organizada pelo seu irmão. Quando, em 1968, publica *Ilha Maior*, na folha onde se faz o registo da sua obra conhecida, encontramos *Saudade Dividida* (1957), *Novembro*, *Cidade dos Crisântemos Esquecidos* (1964) e, sem data, porque se percebe ser uma intenção de futura obra, a indicação de *Narcese*.

Narcese é também o título de um poema de 1977, emblemático e de tema reiterado em Almeida Firmino, como podemos ver por esta quadra:

*E eu a diluir-me em astros.
Em memória de mim,
O espaço e os mastros
Duma angústia sem fim.*

Já em 1971, publicara um livro intitulado *Em Memória de Mim*, onde juntava a sua obra poética de então e acrescentava alguns inéditos. Se era esta a intenção do autor, não o sei, mas *Narcese*, dadas as circunstâncias, segue a mesma orientação e



visa o mesmo fim, reunir toda a sua obra e colocá-la ao dispor de todos os leitores interessados. A angústia e esta persistente maneira de avizinhar o fim, tal como o fizera em 1968 com o poema *Testamento* são marcas e marcos na sua obra e momentos de elevado lirismo e profunda meditação sobre os desígnios, as perscrutações e a presciência do poeta. De facto, e pela arte poética, a meio da sua jornada vivencial, em 1968, Almeida Firmino ditava o seu *Testamento* e afirmava a sua vontade de:

*Eu hei-de sepultar meu coração
 Numa fraga, junto ao mar,
 Vizinho da névoa e solidão,
 Onde as gaivotas, manhã alta, vão pousar.*

Em 14 de Novembro de 1977, junto a uma rocha escarpada, ao lado do Cais (do Pico), ele que sempre foi o poeta do Cais – em sentidos múltiplos – partiu mar fora a sepultar seu coração, e ficou, para sempre, vivo na sua *Ilha Maior* (1968), explicando, antecipadamente, com toda a clareza e objectividade da sua criativa imaginação poética:

*El-rei Sebastião, o Desejado,
 Veio um dia, nunca mais voltou.
 E é aqui, cavada a seu lado,
 Que eu quero ter a minha sepultura.*

A 1.^a edição, de reduzida expressão e pouca divulgação, foi, em grande

parte, tudo o que dela sobrava em 1992, adquirida pela Câmara Municipal de São Roque do Pico, para comemorar os 450 anos do concelho. E, na despedida do espectáculo que tomou a sua poesia como texto e encenação, realizado no velho claustro, antigo companheiro do poeta, que trabalhara no Tribunal do Pico, então alojado no Convento de São Pedro de Alcântara, os actores infantis, à porta, ofereceram a cada espectador que saía um exemplar da obra completa de Almeida Firmino, enquanto diziam o poema:

*Canto como quem se despede
 Desta vida velho cais
 Onde a saudade se mede
 Ao ritmo de nunca mais.*

Assim se esgotou a primeira edição de *Narcese*. Era, pois, absolutamente imprescindível acontecer esta segunda edição. Uma justa e oportuna homenagem ao poeta.

Narcese é o livro do poeta e é o livro da ilha, “da minha ilha”, como ele disse: *Ilha maior; minha Ilha-Mãe adoptiva*, que sendo *maior no sonho e na desgraça*, também, para ele, era uma *maravilha de lava e altura*.

*O poeta ainda existe.
 Existe sempre*

Estes versos deram rosto ao espectáculo comemorativo dos 450 anos do

concelho de São Roque, e dão-nos a dimensão existencial da própria poesia. Quando Almeida Firmino desapareceu, num cinzento mês de Novembro, a notícia que percorreu, de lés a lés, o Cais do Pico foi a de que “o Caldeira morreu!” (O seu nome completo: João Júlio de Almeida Caldeira Firmino.) Ninguém disse, morreu o poeta, porque continua vivo, a cantar a sua ilha, como se fosse uma mulher, perturbante e sedutora como a doce *Sara Negrinha*, ou como solidão angustiada porque é:

*Sempre o mesmo horizonte
– mar, névoa, a ilha em frente
Dizem os garajaus ao voltar
Que não mais será diferente.*

Pela *Narcese*, acompanhamos o poeta amargurado, sonhando ironias da

vida, encontramos-lo como porta voz de sonhos seus ou de outros, reconhecemo-lo invectivando os homens e outros seres, por entre cigarros de bruma, antes de dizer adeus à vida, quando vai abandonado e só, mas de cabeça sempre levantada e bem consciente de si:

*E o coração ao debruçar-se na água
Verá o céu, falará com Deus,
Que, afinal, a morte é como a vida,
Não passa dum breve e sentido adeus.*

Almeida Firmino escreveu o livro da sua ilha e do local fez universal, porque é o homem e a mulher que lá habitam e o mundo sente-se a viver ali, com ou sem os entorpecimentos que a *Narcese* consiga provocar, quando a lemos e é preciso lê-la.

MANUEL TOMÁS

